

LEGENDA DE SÃO PEREGRINO DE FORLÌ

**Transcrita em latim humanista
por Nicolau Borghese (1483)**

Introdução

O documento mais importante sobre São Peregrino é, sem dúvida, a sua vida ou *Legenda*, escrita em torno de 1350, logo depois de sua morte, ocorrida, segundo a tradição, por volta de 1345. Com muita probabilidade, ela foi composta por um frade da Ordem dos Servos de Maria, que conheceu pessoalmente frei Peregrino ou que obteve informações de testemunhas oculares.

Continua até hoje desconhecido o texto original desta *legenda* primitiva do santo, escrita em latim medieval, em uso no século XIV. Temos, porém, uma transcrição da mesma em latim clássico-humanista, copiada não além de 1483 por Nicolau Borghese (1432-1500), natural de Sena, eminente no campo político e cultural. Além de São Peregrino, ele se interessou também de outros santos e bem-aventurados da Ordem dos Servos de Maria. Assim foi que escreveu a vida do bem-aventurado Tiago Filipe de Faenza, por cuja intercessão foi curado de uma espécie de profunda depressão. E como era sempre bem recebido pelos frades no convento de Faenza, aceitou de escrever também a biografia de São Filipe Benizi e dos bem-aventurados Joaquim e Francisco de Sena.

A partir de uma pesquisa detalhada e minuciosa sobre o modo como Nicolau Borghese lida com as suas fontes, chegou-se às seguintes conclusões mais importantes:

1. A matéria é exposta substancialmente por extenso e na mesma ordem.

2. Para ser breve, o autor recorre a freqüentes omissões. Por exemplo:

a) Os milagres operados durante a vida, numerosos nos textos originais, são limitados a um ou dois. Dos milagres operados depois da morte são citados no máximo quatro.

b) As maiores omissões ou mesmo supressões referem-se aos elementos de teologia mariana.

c) Também as citações bíblicas são muitas vezes deixadas de lado.

3. Obedecendo ao esquema clássico, Nicolau Borghese organiza o material selecionado das fontes em três momentos bem definidos: o tempo anterior ao seu nascimento, com notícias sobre a pátria, os pais e, às vezes, sobre a futura santidade do menino milagrosamente preanunciada; o tempo de vida, com episódios da infância e da adolescência, sinais precursores de sua futura grandeza, o ingresso na Ordem, o testemunho de santidade comprovada por prodígios e milagres, a morte, habitualmente

anunciada por um presságio divino; e, por fim, o tempo depois da morte, marcado pelos milagres.

4. Nicolau Borghese transcreve as suas fontes de uma maneira sóbria, fiel, servil até, servindo-se de vários recursos sintático-literários. Por exemplo: uma série de episódios ou longos períodos são resumidos em base ao seu valor qualitativo: ou então são sintetizados recorrendo a proposições relativas, participios, e ao discurso indireto em vez do direto.

Concluindo, Nicolau Borghese é rigorosamente fiel às suas fontes, nada acrescentando de pessoal, por menor que seja. As imissões – como dizíamos – empobrecem principalmente a inspiração bíblico-mariana. Todavia, o que ele conserva dos seus textos originais é interpretado com muito cuidado e fidelidade aos mesmos. O que é pessoal dele é a roupagem literária. O latim medieval das fontes de que dispunha, estando já em desuso e sendo pouco atraente aos novos gostos da época renascentista, é traduzido para o latim harmonioso e brilhante da antiguidade clássica romana. Feita essa operação acontecia amiúde que os originais ficassem praticamente fora de uso, até quase desaparecer.

Infelizmente, continua desconhecido o texto original de que se serviu Nicolau Borghese para escrever a vida de São Peregrino. Mas creio que se posso reafirmar o julgamento feito por mim anos atrás, isto é: a maneira escrupulosa de agir de Nicolau Borghese, naquilo que podemos controlá-lo, é tal que “garante moralmente a mesma rigidez de método em transcrever a fonte, por nós desconhecida, da qual ele extraiu a vida de São Peregrino”.

Que Nicolau Borghese tivesse em mãos um texto escrito, podemos deduzi-lo de argumentos externos e, principalmente, internos.

Dentre os argumentos externos, dois são sobretudo importantes: o empenho do prior geral, frei Cristóvão Tornielli de Giustinopoli, morto em 16 de junho de 1485, por cujos méritos foram compostas na época muitas obras referentes aos santos da Ordem; e o confronto entre a vida de Peregrino de Nicolau Borghese e a que foi escrita por Pino di Girolamo Cedri, cidadão de Forlì, em 1528, em base a um texto autêntico da mesma, existente no convento local dos Servos de Maria, texto esse dado por perdido antes de 1594, “por negligência dos frades”. A obra de Pino Girolamo Cedri, como se pode deduzir de um exame intrínseco, depende efetivamente de uma fonte escrita. E como a sua obra é muito semelhante à de Nicolau Borghese, por consequência indireta, mas válida, se deduz que também Nicolau Borghese depende de uma fonte escrita.

O segundo tipo de provas, fundado em argumentos internos, se deduz de um confronto com a vida do bem-aventurado Tiago Filipe, escrita diretamente por Nicolau Borghese com base em informações orais. Eis algumas:

1. O recurso ao discurso direto e à intervenção do sobrenatural é muito freqüente na vida de São Peregrino; é, pelo contrário, apenas esporádico na vida do bem-aventurado Tiago Filipe.

2. A vida de São Peregrino tem numerosas citações bíblicas (cerca de trinta), enquanto que na do bem-aventurado Tiago Filipe aparecem só dois acenos aos evangelhos.

3. Em particular, é determinante a ausência total de elementos marianos na vida do bem-aventurado Tiago Filipe. Notáveis, pelo contrário, os que se encontram na vida de São peregrino, que do começo ao fim é permeada de cristocentrismo mariano e de marianismo cristocêntrico.

Com efeito, a Mãe de Jesus desempenha um papel de primeiro plano no itinerário de Peregrino para Cristo. Do começo ao fim, ela está presente como “caminho” que conduz ao Filho. Maria mostra-se atenta aos acontecimentos que envolvem Peregrino, agindo de maneira marcadamente maternal. E Peregrino, por sua vez, mostra que vive com toda

candura a devoção mariana que, na época, pulsava no coração de todo cristão. Ele tem consciência de ser “filho” espiritual da Mãe de Jesus, cujo comportamento ele faz próprio. Como verdadeiro servo de Santa Maria, reproduz em si mesmo os traços evangélicos da Virgem, sua Senhora.

Para evidenciar esta sua opção de vida, a fonte utilizada por Nicolau Borghese recorre a um esquema literário muito usado pelos hagiográficos medievais. Esses autores, de fato, com muita frequência, gostam de confrontar os episódios da vida de um santo com os da vida de Cristo e da Virgem Maria. É uma técnica de redação posta a serviço de uma tese: santo é aquele que inspira a própria vida na vida de Cristo e de sua Mãe.

A vida de São Peregrino aplica este norma hagiográfica de maneira fidedigna. De fato, a aparição da Virgem a Peregrino e a subsequente viagem deste a Sena são modelados, respectivamente, na aparição do anjo a Maria (*Lc 1,26-38*) e na viagem de Maria à casa de Zacarias (*Lc 1,39-56*). O princípio que norteia esse molde literário, como uma impressão sobreposta, é evidente: o papel do anjo Gabriel é assumido por Maria; e vice-versa, o papel de Maria é assumido por Peregrino.

presentamos uma série de argumentos externos e internos para demonstrar que Nicolau Borghese seguia o roteiro de um texto escrito quando se pôs a compor esta breve biografia de São Peregrino. Mas agora, queremos ir além e afirmar que *a fonte que ele tinha em mãos era a antiga legenda do Santo, escrita por um confrade pouco depois de sua morte, isto é, por volta de 1350*. Essa conclusão baseia-se na sólida fundamentação bíblica, de nítido sabor medieval, e principalmente na extraordinária riqueza de doutrina e de espiritualidade mariana, muito semelhante a de outros documentos hagiográficos servitas do século XIV.

Em outras palavras, na vida de São Peregrino escrita em 1483 por Nicolau Borghese temos certeza de encontrar o eco de testemunhos correntes e incisivos dos confrades que conheceram o santo. E mais: pelo teor bíblico-espiritual que a permeia e pela excepcional inspiração mariana que a enriquece, a *legenda* de São Peregrino pode ser considerada uma autêntica pérola da literatura hagiográfica existente entre os Servos de Maria, no seu primeiro século e meio de existência.

Edições

- *Vita beati Peregrini Foroliviensis Ordinis Servorum sanctae Mariae a Nicolao Burgensio equestri clarissimo edita*, (ed. P. SOULIER], in *Monumenta OSM*, IV, Bruxelles 1900-1901, p. 58-62. O original latino foi traduzido para o italiano por P. M. Brachesi, e publicado em apêndice em A. M. SERRA, *Santorale antico dei Servi della província di Romagna*, Bologna 1967, p. 1098-119.

- Existe também uma versão em língua portuguesa intitulada *Vida de São Peregrino de Forlì dos Servos de Santa Maria*, em *Servos de Virgem Gloriosa. Legendas Medievais*, trad. frei José M. Milanez, Rio de Janeiro 1955, p. 37-47.

Bibliografia

- D. M. MONTAGNA, *Il santorale dei Servi di santa Maria sino a fra Pietro da Todi (1314-1344)*. III. *Alcuni problemi sulla biografia di san Pellegrino Laziosi*, “Studi Storici OSM”, 43 (1993), p. 20-23.

- D. M. MONTAGNA, *La "Legenda beati Peregrini de Forlívio": perdita e ricostruzione*, "Studi Storici OSM", 43 (1993), p. 35-50.

- A. M. SERRA, *Nicolò Borghese (1432-1500) e i suoi scritti agiografici servitani*, Roma 1966.

- A. M. SERRA, *Santorale antico dei Servi della provincia di Romagna*, p. 17-36.

- A. M. SERRA, *S. Pellegrino Laziosi da Forlì dei Servi di Maria (1265ca.-1345). Storia, culto, attualità*, Forlì 1995.

VIDA DE SÃO PEREGRINO DE FORLÌ

DA ORDEM DOS SERVOS DE SANTA MARIA

1. Forlì, preclara cidade da Romanha, foi o torrão natal do bem-aventurado Peregrino. Homem culto foi seu pai, da ilustre e tradicional estirpe dos Laziosi, mais rico em dotes do espírito do que em bens materiais. Peregrino era filho único e, por isso, muito amado pelos pais. Mas, desprezando as vaidades terrenas, desde jovem, decidiu seguir o caminho das virtudes e, conservando-se no caminho reto durante toda a vida, a morte mesma ele a tinha como um ganho¹. De fato, costumava dizer abertamente que esta vida mortal não passa de sombra e lama².

2. Alicerçado neste firme e santo propósito, certo dia, entrou na igreja de Santa Maria da Cruz. Permaneceu longamente em oração diante da imagem da Virgem Maria, suplicando-lhe que se dignasse mostrar-lhe o caminho da salvação.

De repente, apareceu-lhe em visão a bem-aventurada Virgem, ornada de vestes ricas e festivas, que assim lhe falou: "Meu filho, eu também desejo guiar os teus passos nos caminhos da salvação". Enquanto meditava em seu coração por qual motivo a Virgem Maria, tão ricamente vestida, lhe teria falado tão prontamente, Peregrino, simples como uma pomba, temeu estar sendo induzido ao erro pelo enganador e inimigo do gênero humano. Vendo-o titubeante e assustado, a Virgem voltou a falar-lhe com mais ternura ainda: "Não tenhas medo, filho. Eu sou a mãe daquele que tu adoras na cruz, e por ele fui enviada para mostrar-te o caminho da felicidade eterna". A essas palavras, Peregrino respondeu: "Eis-me aqui. Estou pronto a obedecer às tuas ordens. Acima de qualquer coisa, sempre desejei executar fielmente o que ordenares³. Ordena, pois, ó Rainha. De minha parte, cumprirei de boa vontade a tua vontade".

A gloriosa Senhora então lhe perguntou: "Conheces os religiosos chamados «Servos da Virgem Maria»?" Peregrino respondeu: "Lembro-me de ter ouvido muitas pessoas falar deles, com elogios à sua Ordem e à sua santa vida; mas não sei onde moram". Ele assim falava porque não havia então em Forlì nenhum convento dos Servos da Virgem Maria. Disse-lhe então a Virgem: "Tu te chamas Peregrino. Pois bem, serás peregrino de nome e de fato. É preciso que vás à cidade de Sena. Aí chegando, encontrarás esses santos homens em oração. Insiste com eles para que te recebam em seu convívio".

3. Ouvindo isso, Peregrino pôs-se logo a caminho, acompanhado por um anjo⁴, e chegou a Sena. Foi ao convento e bateu à porta. O frade porteiro, de veneranda idade, abriu e perguntou: "A quem procuras?" E logo acrescentou que nessa hora os frades estavam guardando o silêncio prescrito.

Enquanto o porteiro assim falava, Peregrino, vencido pelo cansaço, atirou-se aos pés do bom velhinho, suplicando que não lhe fechasse a porta, principalmente porque tinha alguns segredos para contar ao prior. Ao ouvir isso, o porteiro o fez entrar e, terminado o tempo do silêncio, conduziu-o à presença do prior. Este, depois de examiná-lo de alto a baixo, perguntou-lhe, finalmente, de que cidade era. E Peregrino respondeu: "Sou de Forlì". Depois, tendo-se inteirado do que se tratava e conhecido o propósito de Peregrino, o prior e seus confrades, que a esta altura se encontravam reunidos, convenceram-se facilmente que ele lhes fora enviado pela Virgem Maria. Consideraram o fato como um milagre da Virgem, que costuma iluminar os seus devotos e, com grande solicitude, os torna participantes da sua bem-aventurança. Por isso, estando

todos de acordo, acolheram-no de bom grado e o vestiram com o santo hábito que recorda a viuvez da Virgem Maria.

Terminado o rito, uma auréola luminosa envolveu-lhe a cabeça, como prova de que ele haveria de guardar íntegras a castidade, a obediência e a pobreza, mantendo-se fiel até o fim ao compromisso que havia professado.

4. Aos trinta anos de idade, era para todos exemplo de vida santa. Depois, por ordem do superior, voltou para Forlì, sua cidade natal, para pôr fielmente em prática a lei do Senhor. Domava de maneira extraordinária o corpo com vigílias, jejuns e cilícios. Parece incrível, mas por trinta anos nunca foi visto sentar-se. Comia sempre de pé e rezava ajoelhado. Vencido às vezes pelo cansaço ou pelo sono, apoiava por algum tempo a cabeça numa pedra ou, se estivesse no coro, no banco.

Durante a noite, não se deitava: passava o tempo rezando hinos e salmos. Meditava sem cessar a lei de Deus⁵. Empenhava-se com todas as forças para imitar os exemplos de Cristo. Todos os dias fazia o exame de consciência de suas ações, chorava as ofensas e os erros que acreditava ter cometido e contava-as ao confessor com lágrimas nos olhos. Movido pelo desejo ardente de observar integralmente a lei divina, o santo homem de muitas coisas se recriminava.

5. Deus, grande e misericordioso, que costuma pôr à prova os seus filhos para robustecer, pela provação, os que ardem de desejo pelo amor sobrenatural⁶, mandou a Peregrino uma doença muito grave. Um inchaço numa perna provocou-lhe a erupção de uma chaga infecciosa. Todos que o visitavam por dever não conseguiam conter as lágrimas. À chaga e ao inchaço da perna juntou-se a terrível doença conhecida pelo nome de câncer, que exalava um mau-cheiro insuportável para os que o assistiam e para ele próprio. Por isso, passou a viver isolado dos confrades.

Era visto pelo povo como um *novo Jó*, tão graves eram as suas dores e sua debilidade física. No entanto, apesar de encontrar-se nessa situação, não se queixava da sorte, mas suportava a enfermidade e o sofrimento com ânimo forte, confiante na palavra do Apóstolo que diz: "Quando sou fraco, então é que sou forte"⁷.

6. O médico Paulo Salaghi, que lamentava profundamente a doença de Peregrino, fez-lhe uma consulta. Examinou cuidadosamente a perna para avaliar a gravidade do mal. Por fim, com o consentimento de todos, chegou à conclusão que de nada adiantavam os remédios e que, com o passar dos dias, a chaga se propagaria até contaminar toda a perna, a menos que não fosse amputada. Foi isso que se decidiu fazer, pois todos concordavam que era preferível sacrificar um membro a deixar perecer todo o corpo.

7. Na véspera do dia marcado para a operação, durante a noite, depois de refletir longamente sobre a decisão tomada, Peregrino resolveu apelar a Jesus Cristo, seu Salvador.

Com as forças que lhe restavam, arrastou-se sozinho até a sala capitular, onde havia uma imagem do Cristo crucificado. Aí chegando, pôs-se a rezar: "Ó Redentor do gênero humano, para apagar os nossos pecados, aceitastes ser submetido ao suplício da cruz e a uma morte atroz. Quando estáveis neste mundo, no meio dos homens, curastes muitas pessoas de toda sorte de doença. Purificastes o leproso (*Mt 8,2*), devolvestes a vista ao cego que suplicava: «Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim!»⁸. Dignai-vos, pois, Senhor meu Deus, livrar a minha perna deste mal incurável. Se não o fizerdes, será preciso amputá-la".

Enquanto assim rezava, atormentado violentamente pela dor, acabou adormecendo. No sono, viu Jesus descer da cruz e curar a perna, apagando qualquer vestígio da doença. Ao acordar, deu-se conta que a perna estava curada e tão robusta como se jamais tivesse estado doente. Deu então graças ao Deus misericordioso por tão grande dom e voltou para a sua cela.

8. Ao clarear o dia, chegou o médico com os instrumentos e as pomadas necessárias para a operação. Peregrino então lhe disse: "Ó tu que vieste operar-me, pode voltar para casa. O médico que me curou totalmente assim me falou: «Sou eu que dou aos homens a saúde e a doença, e as retiro deles⁹. Sou eu que cuido da alma e o corpo. Devolvi a vista aos cegos, limpei os leprosos, curei os paráliticos e ressuscitei os mortos. Nenhuma fadiga, nenhum opróbrio, nem sequer a morte mais atroz, recusei pela vossa salvação». Aquele que assim me falou, ele mesmo, o Príncipe dos Médicos, curou-me totalmente".

Ao ouvir essas palavras, o médico pensou que Peregrino estivesse delirando devido às fortes dores que sofria e disse: "Mostra-me a perna, para que eu possa livrar-te desta chaga que ameaça contagiar todo o teu corpo". Mas Peregrino respondeu: "Médico, cura-te a ti mesmo! Não preciso mais dos teus serviços. O Príncipe dos Médicos e autor da salvação humana, com seu poder, afastou de mim toda enfermidade". E, mostrando a perna, acrescentou: "Olha e vê que grande médico eu tive!"

O doutor ficou sobremodo estupefato ao ver a perna limpa e robusta, sem qualquer vestígio da chaga e do tumor maligno. Voltou-se então para os presentes e exclamou: "É um milagre!"

Ao sair, pôs-se a contar a todos que encontrava pelo caminho o grande prodígio que Deus havia feito em favor do seu servo, e divulgou o fato por toda a cidade. A notícia desse evento singular espalhou-se rapidamente por toda parte, suscitando grande veneração de todos pelo amigo de Deus Peregrino. Fortalecido mais ainda por esses fatos, com todas as forças, ele continuou firme no caminho do Senhor, aspirando às alegrias eternas, preparadas para todos os que observam os salutares preceitos divinos¹⁰.

9. Peregrino morreu com a idade de quase oitenta anos, vítima de febre alta. Sua alma foi levada às honras do reino celeste pela Virgem Maria e pelos bem-aventurados Filipe de Florença e Francisco de Sena, ambos da mesma Ordem.

Após a morte, do seu corpo inanimado fluía um suavíssimo perfume, de tal sorte que os presentes sentiram-se sobremodo admirados diante dessa fragrância extraordinária.

Enquanto a morada corpórea de sua alma já triunfante, segundo o costume, jazia deitada no caixão, exposta no coro da igreja, a notícia da morte chegou ao conhecimento de todos os habitantes da cidade, como se houvesse sido anunciada por mensageiros.

Todos queriam ver as santas relíquias expostas no coro da igreja. De todas as partes e por todas as portas da cidade acorriam os habitantes do condado, atraídos pela fama do servo de Deus. Naquela noite, devido ao grande afluxo de gente, não foi possível fechar as portas da cidade.

Ao bem-aventurado Peregrino não faltou a confirmação celeste de sua santidade por meio dos milagres. Recordaremos aqui alguns somente, mas em Forlì, na igreja dos Servos da Virgem Maria, de muitos outros guarda-se a memória, registrados com escritura autêntica por escrivões fidedignos.

Um cego recupera a vista

10. Enquanto o corpo do bem-aventurado Peregrino jazia exposto no coro da igreja, um pobre homem, mendigo e cego, aproximou-se timidamente do caixão e pôs-se a implorar do fundo do coração que lhe fosse devolvida a vista. Ó infinito poder e graça de Deus que se manifesta nos seus servos! De repente, diante da multidão admirada, o bem-aventurado Peregrino levantou-se do caixão onde jazia e traçou o sinal da cruz sobre o cego. Logo, caíram-lhe dos olhos umas como escamas¹¹ e o que fora cego começou a gritar exultante de alegria, mostrando a todos que estava enxergando. Depois de agradecer muito a Deus e ao bem-aventurado Peregrino, foi embora feliz.

Uma mulher libertada do demônio

11. Um dentre os piores diabos ou talvez uma legião deles se havia apoderado de uma mulher da cidade. Dominada pelo furor, ficava tão feroz que ninguém conseguia segurá-la, nem amarrada a um tronco, nem acorrentada. Era dotada de uma força sobre-humana tal que conseguia romper qualquer tipo de amarra e desvencilhar-se.

Tendo-se espalhado pela região a fama dos milagres do santo, seus familiares arrastaram-na até o caixão do bem-aventurado Peregrino, exposto na igreja. Ao tocar o caixão, o espírito maligno, com grande alarido, afastou-se dela. Os que aí estavam viram sair da boca da mulher toda sorte de animais e ouviram estas palavras: "Tuas preces, Peregrino, me causam tormentos atroz!" Totalmente livre do domínio do diabo, a mulher deu graças a Deus e ao bem-aventurado Peregrino. Depois, alegre, voltou para casa com os seus.

Cura de um homem caído de uma árvore

12. Certo homem precipitou-se do alto de uma árvore muito alta e caiu estatelado no chão. Na queda, ficou gravemente ferido, com as vísceras expostas, de tal sorte que já não havia nenhuma esperança de vida para ele. Mas, por intercessão do bem-aventurado Peregrino, recuperou totalmente a saúde. Sentindo-se curado, agradeceu com devoção.

¹ Fl 1,21.

² Sl 38,7; Sb 2,5; 5,9.

³ Sl 118,20.40.60.127.

⁴ Tb 5,1.

⁵ Sl 1,2.

⁶ Tb 12,13; Sb 3,5-6.

⁷ 2Cor 12,9^a.

⁸ Mt 8,2 e paralelos.

⁹ Jo 1.21.

¹⁰ Mt 25,34; Fl 1,23; 2Tm 3,7-8.

¹¹ Tb 11, 8. 12